

sobre tudo

A ESCOLA QUE QUEREMOS

Finalmente 2022 chegou ao fim. Com o perdão da redundância, é impossível expressar essa frase sem suspirar profundamente! O alívio, entretanto, não se deve ao término de mais um ano, mas ao fechamento de um ciclo. Embora um ano possa ser tomado como uma data simbólica, que organiza o calendário civil e afetivo na vida institucional, social e no cotidiano das pessoas, na prática a sensação é a de fechamento de um longo período que já vinha marcado pelo desmonte do Brasil. Testemunhamos a destruição e os ataques diários à cultura, ao ensino, à ciência e à tecnologia, promovidos principalmente por meio da difamação de artistas, professores e pesquisadores brasileiros. Fomos submetidos a condições precarizadas de trabalho e de assistência à população devido aos profundos cortes de verbas que atingiram os Ministérios da Educação, da Ciência, Tecnologia e Inovação, somados ao anterior rebaixamento do Ministério da Cultura a uma Secretaria de Estado. Passamos por uma pandemia sem precedentes, durante a qual se questionou a ciência, a eficácia das vacinas e se defendeu uma política de contaminação e morte. Presenciamos o quase desmonte da CAPES e do CNPq, tendo como consequência até mesmo o apagão temporário da Plataforma Lattes, a mais importante base de dados brasileira, que integra

currículos, grupos de pesquisa e instituições nacionais e internacionais desde 1990.

Como última cartada, diante de um cenário já em ruínas, acompanhamos mais um corte nas verbas das universidades públicas brasileiras, ocorrido no presente mês, em dezembro de 2022. Devido ao último “contingenciamento de recursos”, deixamos de honrar compromissos já estabelecidos pela instituição, que comprometem seu funcionamento, por custearem alimentação e moradia aos estudantes carentes, bolsas aos estudantes pesquisadores e trabalhadores e salários aos funcionários de empresas terceirizadas responsáveis pela limpeza, manutenção e segurança nas Instituições Federais de Ensino. Hoje, a UFSC, a exemplo de tantas outras IFEs, teve liberada apenas uma parcela dessa verba, que possibilitou honrar as bolsas, essenciais para a sobrevivência de muitos estudantes, mas não permitiu pagar suas contas de luz, água e demais custeios necessários ao seu funcionamento.

Como professores, todavia, somos mestres em esperança, conjugada na forma do “esperançar” de Paulo Freire. Sonhamos com um novo ciclo de reconstrução da cultura, da educação, da ciência e da tecnologia a partir de 2023. Não haveria, nesse sentido, melhor hora para pensarmos na escola que queremos e pela qual lutamos. É uma escola inclusiva, que toma como pressuposto que “todo ser humano é um estranho ímpar”, como bem expressa a sabedoria poética de Carlos Drummond de Andrade. Mas se preferirmos abandonar as palavras para representar esse nosso pressuposto em imagem, nada melhor do que a fotografia da capa da presente edição, em que a nossa colega Naiara Zat registra a chegada vitoriosa da dupla Eduardo Ferreira Wehrlich, o Dudu, e seu amigo Iago Sanches Maciel, ambos estudantes do segundo ano do ensino médio, em uma das corridas promovidas durante o Festival de Atletismo do Colégio de Aplicação, em 2022.

É tomados dessa esperança, que convidamos você, leitor, a conhecer a atual edição da revista **Sobre Tudo**, Volume 13, Número 2, dedicada a pensar a educação com o foco na diversidade e na inclusão. O presente volume conta com um total de 9 artigos. Abrindo os trabalhos, temos a apresentação “SobreDiversidade: a educação inclusiva em foco”, em que Luana Zimmer Sarzi e Renata Gomes Camargo, ambas professoras da disciplina de educação especial (UFSC), problematizam da legislação à nomenclatura que diferencia “educação especial” e “educação inclusiva”, com o foco na diversidade.

A apresentação é seguida de três artigos científicos no campo da educação inclusiva. O primeiro, intitula-se “Educação inclusiva e desigualdade no Brasil”, de autoria de Flaviane Oliveira Scheffel (Prefeitura Municipal de Novo Hamburgo) e Eliana Moura (Feevale). A pesquisa dedicou-se a reconstruir a trajetória da educação no Brasil, em relação à educação especial, ao longo dos últimos 40 anos, incluindo um recorte temporal que evidencia a legislação e as práticas de cada período histórico. A análise documental e bibliográfica aponta para a constante preocupação e luta da sociedade para que a inclusão social aconteça no Brasil, razão pela qual fazem um importante alerta sobre o Decreto 10.502/2020, que altera a Política Pública da Educação Especial no Brasil.

O segundo artigo, “Trabalho docente articulado e processo de ensino-aprendizagem na educação básica de estudantes com deficiência intelectual”, foi elaborado por Dayana Valéria Folster Antonio Schreiber (UFSC) e Ana Paula dos Santos Ferraz (UFSC). As autoras analisam o trabalho docente articulado entre a professora regente de turma e a professora de Educação Especial no processo de ensino-aprendizagem de estudantes com deficiência mental/intelectual na educação básica, em uma turma dos anos iniciais do ensino fundamental. Tomando como aporte a Teoria Histórico-

cultural, mais especificamente os estudos de Vygotsky, as pesquisadoras apontam como resultado a relevância do trabalho docente articulado para impulsionar o desenvolvimento e a aprendizagem de todos os estudantes na escola.

O terceiro texto, “Inclusão no contexto escolar: práticas e saberes do Laboratório de Tecnologia Assistiva e Ergonomia”, de Lizandra Garcia Lupi Vergara (UFSC), Josiane Eugênio (IFSC Campus de Araranguá-SC), Luana Zimmer Sarzi (UFSC) e Fernanda Albertina Garcia (UFSC), descrevem ações na área de Tecnologias Assistivas e Ergonomia voltadas aos estudantes com deficiência, limitações comunicacionais e/ou mobilidade reduzida, todas elas implementadas pelo LABTAE - Laboratório de Tecnologia Assistiva e Ergonomia do Colégio de Aplicação da UFSC. O planejamento das atividades foi realizado com base em estudos de caso de demandas específicas, de aproximadamente sessenta estudantes matriculados no CA UFSC, bem como nas demais demandas trazidas pela comunidade, uma vez que acreditam que a implementação de ações na área de TA e Ergonomia pode apoiar os diferentes segmentos da universidade, equipe multidisciplinar e da comunidade.

Ampliando a discussão para outros campos do saber, temos um trabalho que versa sobre os livros didáticos, debate que se destaca em um momento em que os Colégios de Aplicação foram cortados do Programa Nacional do Livro Didático sem qualquer justificativa pela atual gestão do MEC¹. O artigo se intitula “Análise de livros didáticos de ciências do PNLD 2020: impactos da BNCC?”, e é de autoria de Marcelo D'Aquino Rosa (Rede Municipal de Ensino de Florianópolis-

¹ A esse respeito, veja-se a nota emitida pelo Conselho Nacional dos Dirigentes das Escolas de Educação Básica das Instituições Federais de Ensino Superior (CONDICAp): <<https://www.ca.ufsc.br/2022/11/28/nota-aberta-de-repudio-e-solicitacao-de-escolha-do-livro-didatico-para-2023-pnld/>>. Acesso em 20 dez. 2022.

SC), João Vicente Alfaya dos Santos (CA/UFSC), Ramon Diedrich (Rede Estadual de Ensino de Santa Catarina) e Larissa Zancan Rodrigues (Rede Municipal de Ensino de São José-SC). A pesquisa apresenta algumas análises acerca dos impactos da BNCC em uma das principais políticas públicas realizadas pelo Estado brasileiro, os livros didáticos do PNLD de ciências. Concluem apontando para o fato de o livro didático, apesar de ser importante recurso para o trabalho docente, refletir nesse momento histórico o conturbado período que vivemos, de modo que seu uso precisa ocorrer de maneira crítica.

A segunda parte da revista é dedicada a artigos que tomam como base experiências de docentes em sala de aula, englobando textos em três campos do conhecimento distintos, a saber: pedagogia, matemática e geografia, o que só reforça o caráter interdisciplinar de nossa publicação. O primeiro deles, “É preciso transver o mundo: saltando pedras, soltando o verbo”, de Ana Lúcia Machado (UFSC) e Fabiana Giovani (UFSC), é uma narrativa marcada por impressões, memórias e pontos de vista entre a experiência vivida no contexto do ensino remoto e no atual contexto do ensino presencial com crianças de um terceiro ano do ensino fundamental de uma escola pública federal, ainda em processos de alfabetização. Por meio da compreensão da linguagem enquanto forma de inter(ação), as autoras buscam o diálogo entre passado e presente, de modo a conferir sentido aos conteúdos curriculares, dar continuidade ao trabalho humanizador apoiado em obras literárias e ampliar os processos de empoderamento discursivo.

Em “Um estudo das funções trigonométricas: do uso do Geogebra a aplicação em fenômenos periódicos, no cotidiano e na área técnica”, de Marлизete Franco da Silva da Silva (IFMG-Itatinga), a autora explicita os resultados de um projeto de ensino, aplicado anualmente, junto a alunos do segundo ano do ensino médio, em 2022. O trabalho envolveu o estudo de funções trigonométricas, principalmente seno e

cosseno. Para tanto, fez uso de tecnologia, utilizando *applets* do Geogebra como meio de visualizar múltiplas representações e propriedades de funções trigonométricas. O projeto auxiliou os alunos a perceberem a presença e a aplicação de conceitos trigonométricos em situações cotidianas e na área técnica.

Fechando a seção, em “O conceito de lugar e as fotografias: contribuições para leitura de mundo”, Rafael Silva (UFOP) e Jacks Richard de Paulo (UFOP) analisam as contribuições das fotografias para a abordagem do conceito de lugar em aulas de geografia nos anos iniciais da educação básica. Buscam, também, refletir tanto sobre o potencial das fotografias disponibilizadas em livros didáticos quanto das originadas por meio de *smartphones*, em relação ao cotidiano dos alunos. Objetivam, desse modo, buscar alternativas para ampliar as mediações pedagógicas no ensino da geografia; promover ações que fortaleçam a utilização de imagens fotográficas como instrumento didático em sala; alargar as possibilidades das crianças em relação aos processos de ensino e aprendizagem; e introduzir as tecnologias nas aulas de geografia. Por se tratar de uma investigação de cunho eminentemente qualitativo, realizaram uma revisão junto à literatura sobre ensinar geografia para crianças, o conceito de lugar, o livro didático e o uso/mediação pedagógica por meio de fotografias.

Por fim, encerramos a presente edição com dois artigos de Iniciação Científica. O primeiro deles “Arte e cultura remota para os seus ouvidos: um estudo sobre a percepção de ouvintes acerca de um podcast literário”, é um estudo conduzido pelo estudante Matias Collaço Scolaro, sob orientação de seu professor, Leonardo da Silva (IFSC Campus Itajaí). O propósito dessa pesquisa de Iniciação Científica Júnior era investigar a interação de ouvintes com o podcast “Arte e Cultura remota para seus ouvidos”, do IFSC, a fim de compreender a potencial contribuição deste para o desenvolvimento da leitura e do pensamento críticos (FREIRE, 1989). O podcast, disponível em

plataformas de *streaming*, busca promover reflexão acerca de obras literárias escritas por mulheres por meio do debate e da discussão entre os apresentadores, especialistas e autores participantes de cada episódio. A partir das respostas de ouvintes, evidenciaram o caráter dialógico dos debates e as múltiplas visões trazidas pelos participantes do podcast.

O último trabalho é uma pesquisa que reflete sobre a publicação de textos de iniciação científica no Brasil. Intitulada “Estado do conhecimento de publicações de estudantes da educação básica em periódicos científicos”, foi desenvolvida por Carolina Kowalczuk, sob orientação dos professores Victor Hugo Nedel Oliveira (UFRGS) e Daniel Giordani Vasques (UFRGS). O artigo constata a escassez de periódicos científicos que realizam publicações de estudantes da educação básica no cenário nacional. Teve como principal objetivo construir o estado do conhecimento referente às publicações de autoria de estudantes do ensino básico nas revistas científicas **Sobre Tudo**, do Colégio de Aplicação da UFSC, e **Cadernos do Aplicação**, do Colégio de Aplicação da UFRGS, entre os anos de 2016 e 2020. Para tanto, coletaram dados sobre as publicações dos estudantes nos periódicos selecionados, a partir da organização de elementos como: identificação da revista, dos estudantes, de professores coautores, tipo de texto publicado, resumo, temática geral, objetivo, estratégias de coleta de dados, principais resultados e considerações finais. A partir da construção de gráficos, tabelas e nuvens de palavras, concluíram que as publicações de alunos do ensino básico se conectam com o ambiente em que eles estão inseridos, sendo o objeto de investigação a própria escola ou os sujeitos participantes da pesquisa componentes da escola, como estudantes e professores.

Como últimas palavras desse editorial, destacamos que, graças à luta de pais, estudantes e professores, hoje somos uma escola pública que, mesmo diante de uma realidade educacional tão

precarizada no país e em nossa própria universidade, conta com uma equipe pedagógica multidisciplinar, formada por profissionais da área da saúde e da educação, bem como professoras de educação especial, que atuam em prol da inclusão de todos e todas. Todavia, como a inclusão plena não é uma tarefa realizada, é antes uma meta, um desafio constante, embasamos nossa atuação em documentos legais em vigor no país e em uma **Proposta Pedagógica de Inclusão**, em vigência desde 2014 e atualmente em processo de revisão. Concluímos assim nosso editorial, manifestando nossa satisfação ao publicar uma edição que coloca em destaque o desejo coletivo por uma escola verdadeiramente inclusiva: essa é a escola que queremos!

Boa leitura!

Comissão Editorial
Fernanda Müller (Editora-chefe)
George França
Gláucia Dias da Costa
Lara Duarte Souto-Maior
Leomar Tiradentes